

Nascido no norte da França, eu cresci em um dos dez territórios franceses que durante quatro anos, entre 1914 e 1918, estavam sob a ocupação da Alemanha. Naturalmente, este importante período na História deixou sua marca na população e na região. Eu cresci com a lembrança da Grande Guerra. Foi algo onipresente, não simplesmente reverenciado nas inevitáveis celebrações do armistício, todo 11 de novembro. Filho de fazendeiro, eu me recordo quando criança como eu carregaria uma granada que ficara descoberta em nossos campos enquanto estávamos arando a terra. Mesmo ainda hoje, papéis, vários objetos e mísseis enferrujados são desenterrados de tempos em tempos. Estes objetos pertenceram a soldados que foram feridos e algumas vezes enterrados no lugar.

Em 1993, guiado por algum golpe de sorte, eu descobri um livro: *Battles of Flanders and Artois 1914-1918*, de Yves Buffetaut. Enquanto eu lia, me deparei com uma passagem extraordinária, intitulada *O Incrível Inverno de 1914*. O autor escreveu sobre a confraternização entre os inimigos, o episódio do tenor alemão aplaudido pelos soldados franceses, um jogo de futebol, a troca de cartas, as árvores de Natal, visitas nas trincheiras... Isso realmente me tocou. Liguei para meu futuro produtor, Christophe Rossignon, para falar com ele sobre isso, e mandei para ele uma sinopse. Ele achou o assunto magnífico. Entretanto, ciente do seu escopo, Christophe aconselhou que eu me preparasse: eu ainda não havia feito nenhum um curta-metragem!

Depois do sucesso do meu primeiro longa-metragem, *The Girl from Paris*, Christophe encorajou-me a concentrar neste projeto: *Feliz Natal*. Em 2002, comecei com a tarefa mais difícil: escrever sobre esta incrível, mas verdadeira história. Minha primeira responsabilidade era pesquisar e encontrar o máximo de informação possível sobre a confraternização, e entender concretamente o que ocorreu. Encontrei uma série de novos eventos assombrosos nos arquivos ingleses, na maioria, e mais tarde nos arquivos franceses e alemães também. A maioria dos historiadores profissionais frequentam estes lugares. Com a ajuda de Yves Buffetaut, eu fui capaz de ter acesso a estes documentos. Na França, o exército é o responsável por estes arquivos. E apesar de não impedirem uma pessoa de consultá-los, eles certamente não a encorajam. Este estado de espírito parecia ter uma ligação direta para a mentalidade que reinava durante a Guerra: durante aquele período, fotos tiradas dos soldados se confraternizando foram as primeiras páginas dos jornais ingleses enquanto na França, estas fotos eram requisitadas e destruídas! Com relação aos arquivos alemães, não foi difícil consultá-los, já que muitos ainda estão na França. Este é o resultado da Segunda Guerra Mundial. Devemos considerar devolvê-los um dia destes.

Foi realmente intimidante escrever sobre a história baseada nestes fatos. Os eventos inspiraram personagens que existiram na verdade, assim como tive que inventar pessoas fictícias. Por exemplo, houve Ponchel, o ajudante de campo. Ele era um *Chitimi* (denominação para uma pessoa do norte da França), como eu. Ele era a evocação do soldado francês cuja casa estava localizada atrás das linhas germanas. Todas as noites ele precisava cruzar aquela zona para que pudesse dormir com sua esposa e filhos antes de voltar para as trincheiras francesas na manhã seguinte para lutar na guerra! Também existiu o tenor alemão que cantou genuinamente para os soldados franceses na noite de

Natal. Este personagem foi importante para mim porque 90% da confraternização aconteceu enquanto as pessoas cantavam. Outros ouviam, respondiam, aplaudiam. Eu adoro a idéia de que a cultura, canções populares e a música silenciavam os canhões.

Obviamente, quando alguém lê estas histórias, elas parecem inacreditáveis. Entretanto, milhares de árvores de Natal foram enviadas ao front alemão no Natal de 1914. Deveriam ser soldados "apenas um passou no front", e o Kaiser William II sentia que "mesmo em tempos de Guerra, os valores devem ser mantidos!" A parte difícil de escrever o roteiro foi como fazer o público acreditar que estes eventos foram verdadeiros. Eu também precisei encontrar uma sequência natural que pudesse levar à confraternização.

Dito isto, algumas vezes a realidade era muito dura, ou muito absurda. Este foi o caso da história do gato que circulava de uma trincheira para outra e no filme acaba sendo preso. Na realidade, o gato foi acusado de espionagem e foi preso pelo exército francês e em seguida executado de acordo com o regulamento! Eu queria mostrar isso em *Feliz Natal* e filmei a cruel cena da execução [que acabou ficando de fora da versão final].

Em agosto de 2004, após ter encontrado alguma dificuldade com o financiamento (que Christopher Rossignon foi capaz de resolver), as filmagens de *Feliz Natal* tiveram início. Primeiro eu filmei a cena da guerra, campo por campo. Assim os atores não se encontravam ou se encontravam no combate. Foi mais um hábito do que animosidade. E então, muito rapidamente, partimos para as cenas de confraternização. Foi aí que as coisas se tornaram interessantes porque entre as tomadas os atores alemães, escoceses e franceses se misturaram. Isso continuou depois da filmagem. Depois disso, houve um laço familiar no set.

Quando as coisas começaram a ficar difíceis, como quando a filmagem precisou ser adiada por vários meses porque o exército francês nos negou autorização para criar uma terra de ninguém no campo, os atores mostraram seu interesse pelo projeto. No set, o comprometimento era muito além das obrigações. Como eu, eles queriam recriar o que havia acontecido com estes homens, o mais realisticamente possível. Era uma maneira de homenagear a memória destes soldados. De fato, Gary Lewis e Dany Boon tiveram parentes que lutaram na Guerra de 1914. Eu estou muito orgulhoso de trazê-los juntos com Guillaume Canet, Daniel Brühl, Diane Krüger, Alex Ferns e Benno Fürmann. Eles também atuaram nas suas línguas maternas. Eu queria ter certeza de que todos os personagens estavam de acordo com suas nacionalidades. Eu sentia que o sucesso do filme dependia deste aspecto. Na realidade, a fronteira da terra de ninguém não estava entre os campos, estava entre aqueles que lutaram na Guerra e aqueles que queriam que a guerra acontecesse. É por isso que o filme tem mais que uma dimensão européia para mim. Tem uma dimensão humanitária. Na minha opinião, qualquer um do planeta poderia ser tocado pela confraternização que aconteceu, não apenas os alemães, ingleses e franceses. É por isso que eu gostaria de mostrar o filme num país que estivesse em guerra.

Todos nós que fizemos *Feliz Natal* estávamos pensando nestes soldados que corajosamente se confraternizaram. Na época, eles eram considerados covardes. Para mim, eles não foram nem heróis nem covardes. Eram simplesmente homens que realizaram algo incrivelmente humano. Se *Feliz Natal* for um sucesso, o que eu espero que seja, e prestar uma homenagem à memória destes soldados, esta será minha grande recompensa.